



Fórum da Sociedade Civil na Unctad, em São Paulo,
14, 15 e 16 de junho de 2004

Um projeto Ibase, em parceria com ActionAid Brasil, Attac Brasil e Fundação
Rosa Luxemburgo

**Desenvolvimento, dignidade humana e anti-racismo:
uma equação inacabada**

Jurema Werneck¹

1- A ausência de modelos alternativos ao neoliberalismo

O professor Francisco de Oliveira, em entrevista a um canal de televisão paga brasileiro (Globo News, em 31/05/2000) chamava atenção para um processo já em curso e em franco crescimento: a emergência do discurso contestador ao neoliberalismo – tanto ativista quanto teórico. Ao contrário da estratégia dogmática dos primeiros anos de implantação no Brasil e em outros países do mundo, o neoliberalismo, agora com seus efeitos deletérios dolorosamente expostos em cenas cotidianas de miséria, desesperança, fome e morte; passa a angariar cada vez mais críticas. Segundo o professor,

¹ Secretária executiva da Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras. Doutoranda em Comunicação e Cultura, ECO/UFRJ

este fenômeno ocorre sem, no entanto, tais discursos apontarem o caminho da mudança, do novo modelo, da nova utopia.

Esta ausência tem provocado movimentações e articulações amplas de diferentes setores que em comum têm o desejo de justiça não sepultado pela queda do Muro de Berlim e a perplexidade diante da necessidade de elaboração política que produza um real e pragmático patamar de equidade. Como o caminho se faz caminhando, muitos destes setores têm descoberto também que a viagem não pode ser feita de modo isolado ou sectário. E mais, têm sido levados por diferentes circunstâncias – que incluem a pressão política intensa e continuada dos diferentes atores organizados fora do círculo tradicionalmente auto-identificado como de esquerda, onde estão os movimentos anti-racista e feminista, bem como os sem terra e os sem teto, entre outros - a reconhecer a necessidade de confronto com as diferentes posições de privilégio que ocupam. E que, de diferentes maneiras, embaçam sua capacidade de elaboração de novos modelos que atendam aos seus (e de muitos) desejos de mudança.

2- A pergunta central: existe vida digna possível sob o regime capitalista?

As respostas que têm sido dadas para esta pergunta tendem a ser inconclusivas ou evasivas até. Exemplos de falência de princípios norteadores da organização do mundo e das relações entre países e povos, são oferecidos tanto pelas nações centrais do sistema capitalista (o ocidente) quanto por suas vítimas – as nações periféricas (os *des-ocidentais*, como definiu Edward Said em sua obra *O Orientalismo*.) Note-se que tais princípios foram definidos pelas sociedades ocidentais ainda sob os escombros e sob o trauma do pós II Guerra Mundial. E sustentaram a criação da Organização das Nações Unidas e os esforços empreendidos por diversos estados e organizações da sociedade civil em nome da paz e do enfrentamento das injustiças.

A vitória do capitalismo real sobre o socialismo real e suas inconsistências abriu espaço para um capitalismo livre de regulações que se poderia definir como morais e políticas. Livre destes limites, a experiência capitalista se espalha, se radicaliza no neoliberalismo mundializado, num sistema único de produção de riquezas e destruição – bem como de produção de significações. Suas faces são: o paroxismo individualista; o reforço à concentração de riqueza e do pensamento; a destituição de sistemas tradicionais de produção de trabalho; e a aceleração dos mecanismos de produção e manutenção das desigualdades. Há que se chamar atenção que o seu fundamento principal é a disseminação do paradigma ocidental sobre o resto do mundo, anulando ou destruindo diferenças e singularidades.

Neste processo é preciso dar maior atenção a uma aparente contradição. Esta diz respeito ao fortalecimento das ideologias desagregadoras (racismo por exemplo), ao mesmo tempo que inclui em seu receituário o desenvolvimento de políticas compensatórias (remédios) para as vítimas. Não é atoa que as ações afirmativas raciais e outras estão incluídas nas agendas do BIRD, ONU, BID²). Note-se que tais políticas serão incorporadas nas agendas de estados fragilizados pela redução de sua capacidade de intervenção e controle dos meios de regulação das relações de produção e de redistribuição de riquezas. Considerando que a adoção destas agendas pelos diferentes organismos retratam também a penetração das bandeiras “específicas” no discurso geral.

A aparente contradição se revela também ao notarmos que as ações anti-racistas penetram as agendas estatais sem que os tradicionais setores de esquerda tenham tido capacidade de incorporá-las em suas próprias agendas e matrizes teóricas de forma aprofundada e consistente.

² Aqui é preciso reconhecer ação bem sucedida dos movimentos organizados que foram capazes de hegemonizar suas reivindicações e propostas, ainda que subordinadas aos paradigmas do ocidente.

3- É possível um capitalismo anti-racista? Ou: de que modo um sistema político pode disponibilizar as condições necessárias à dignidade e subsistência de diferentes populações?

Parto do capitalismo porque, neste momento, é o sistema dominante em vigor na maioria dos países do mundo, bem como a razão que nos trouxe até aqui.

Muitos de nós já respondemos negativamente a esta pergunta – com alternativas que vão desde o confronto armado até a busca de mudança sob as regras do sistema democrático. Ou seja, via eleições.

A eleição de partidos políticos e candidatos majoritários identificados com aspirações de reforma do capitalismo, de modo a incluir em seus esquemas de vantagens a ampla maioria dos explorados acalentou sonhos e estratégias de ação de muitos. Em última instância, a ascensão desta corrente de pensamento ao poder nacional poderia significar a hegemonização de ações em diferentes níveis, estatais e da sociedade civil, que no médio e longo prazos significariam a implantação do socialismo ideal. Ou do comunismo. Ou mesmo do capitalismo em bases eqüitativas – no que se refere à distribuição dos meios de produção e subsistência a todos. Uma espécie de estado de bem estar social ou de programa de renda mínima maximizados.

No entanto, sempre restaram para muitas e muitos dos integrantes daqueles grupos então chamados de excluídos³, um certo receio quanto a eficácia destes modelos numa perspectiva anti-racista, por exemplo, ou anti-sexista, ou popular. Uma vez que seus modelos teóricos eram falhos para compreender e incluir a perspectiva da eqüidade das relações tanto de

³ Sabemos que a interconexão das relações raciais e sociais na esfera capitalista impedem o isolamento de segmentos ricos ou pobres, uma vez que é a destituição de uns que vai produzir o privilégio de outros. Daí que a denominação de excluído seria apenas um eufemismo para indicar os segmentos atingidos pela super-exploração, expropriação e aniquilamento.

produção material e simbólica, quanto das relação interpessoais e intergrupais.

Neste contexto uma outra questão se impunha para aqueles mais identificados com tais setores, em especial o anti- racista e popular: será que existem modelos recentes na história do mundo que possam ancorar propostas de desenvolvimento eqüitativo e sustentável partir destas perspectivas?

4- Governos de e para a maioria?

A ascensão da maioria negra ao poder político num país⁴, para a reconstrução da coesão social e redistribuição das riquezas em bases não raciais, ou seja, numa perspectiva anti- racista, tem um exemplo importante e de destaque: a África do Sul de 1994 em diante. A mudança de regime proposta por um processo político de mobilização de amplos setores tanto nacional quanto internacionalmente, que propiciou a queda do regime racista em fins do século XX, produziu alterações na vida da maioria da população sul- africana, notadamente a população negra (que corresponde a 88% da população total do país⁵) ainda não suficientes para uma efetiva realização das aspirações de bem estar e eqüidade. Isto apesar da mudança estar ancorada na figura de uma liderança carismática e de amplo apoio popular – Nelson Mandela; e num partido de esquerda representativo – o African National Congress/ ANC.

Após 10 anos no controle do poder estatal na África do Sul pela maioria negra e indiana, o cenário que se apresenta não oferece resultados

⁴ Ainda em épocas coloniais a região da América Latina e Caribe assistiu ao fenômeno da revolução no Haiti, fortemente influenciada pela revolução francesa e seus princípios de igualdade, fraternidade e liberdade (Ver: Os Jacobinos Negros) . Estes princípios, eles vieram a descobrir – e a história tem tornado evidente até os dias de hoje - não se aplicavam à população negra num forte contexto racista que dominam as relações entre povos e estados e que fundamentam a dominação de origem eurocêntrica e/ou branca .

⁵ Aqui, fruto da soma entre africanos/negros equivalentes a 79% e *coloureds*, 9%.

adequados a qualquer afirmação de mudança profunda e radical do cotidiano da população⁶.

A fuga de investimentos do primeiro momento, foi seguida pela implantação da agenda neoliberal de controle de setores estratégicos da economia pelo segmento privado internacional via privatizações e da reduzida capacidade estatal para investimentos públicos necessários à prestação de serviços de saúde, educação, geração de empregos, entre outros, à maioria antes excluída pelo *apartheid*.

Exemplos posteriores, talvez com diferentes graus de representatividade e reconhecimento, a América Latina tem oferecido, onde se pode destacar as figuras de Lula (uma representação marcadamente vinculada à noção de classe social, da ascensão da classe dos pobres ao poder) e de Alejandro Toledo (significando a retomada do poder pela maioria indígena no Peru).

Há muitas semelhanças entre os processos, desejos e aspirações que projetaram e pavimentaram o caminho para que propostas políticas de transformação, representadas por estes líderes e seus partidos, fossem bem sucedidas na obtenção da hegemonia política. Ressalte-se entre estes fatores a incapacidade do sistema político-econômico em prover um patamar mínimo de condições adequadas à dignidade humana, tanto de sobrevivência material quanto simbólica.

Cabe perguntar aqui se os fracassos aparentes ou incapacidades em curso também têm as mesmas origens...

É possível constatar que, apesar da forte sustentação popular que tais governos angariaram, a adoção de uma agenda fortemente marcada pelo contexto neoliberal na gestão da economia – ainda que em contradição com projetos e políticas sociais que objetivavam e objetivam o bem estar da

⁶ Ver Gelb, Stephen. *Inequality in South Africa: Nature, causes and responses*, 2003

maioria – é um traço marcante e comum. Ao mesmo tempo que a agressividade das iniciativas neoliberais não foram suficientes para a derrubada do apoio popular a estes governantes. É fato que à exceção somente de Alejandro Toledo, que enfrenta baixos índices de aprovação neste momento.

Ao contrário, no caso da África do Sul, o sucessor de Nelson Mandela, Thabo Mbeki foi recentemente agraciado com um segundo mandato frente o governo daquele país.

No Brasil, o governo de Lula permanece com alto grau de apoio popular, apesar da crescente contestação que sofre dos setores médios da população, onde se insere a maioria dos partidos e das organizações da sociedade civil de esquerda.

Acredito que as interpretações que vão afirmar razões ligadas ao populismo – e a um suposto conservadorismo ou “ignorância das massas”- por traz do apoio presente tanto na África do Sul quanto no Brasil se devem, em muito, a impregnações racistas e preconceituosas de seus autores. Bem como a um messianismo e suposta capacidade de liderança transformadora que a classe média se atribui, que buscam legitimar suas aspirações como de maioria.

Na defesa de seu pontos de vista e interesses, estes setores têm se mostrado incapazes de uma leitura adequada da realidade, no que se refere às aspirações e proposições no campo da política de negros e pobres não apenas no Brasil quanto em outras partes do mundo.

Estas deficiências estendem-se à incapacidade de articular análises políticas ao campo da cultura, que inclui sistemas de pensamento, de crença e modos de projeção do futuro. Acredito que esta incapacidade têm origem no eurocentrismo que perpassa o pensamento da esquerda, inclusive e paradoxalmente no Brasil, incapaz de dialogar com as perspectivas

indígenas, africanas a afrodescendentes, para a produção de modelos híbridos⁷ e capazes (ou ao menos, pré- condicionantes) de eqüidade.

Por outro lado as matrizes e discursos expostos pelo movimentos sociais *excêntricos*⁸ não foram capazes de explicitar a abrangência de suas propostas no que se refere às transformações dos sistemas políticos e regimes econômicos que seriam necessárias à plena realização de suas bandeiras. Em muitos dos casos por não enfrentarem suficientemente – ou por não problematizarem adequadamente - o sentido das desigualdades raciais e étnicas, ou das diferentes desigualdades , como fatores estruturantes fundamentais ao sistema de trocas assimétricas do capitalismo. E mais, a forma como estas assimetrias são vivenciadas e potencializadas no neoliberalismo.

5- Uma outra leitura

Em tempos recentes, quando as últimas crenças da esquerda foram destituídas pela força de submissão ao receituário neoliberal à medida que angariam o controle do poder central e político das nações, fez- se necessária a releitura da realidade buscando matrizes originais de pensamento ou, ao menos, um olhar alternativo sobre os dados que a política e a economia apresentam.

Nesta perspectiva, uma das formulações mais interessantes nos últimos tempos foi feita pelo professor Francisco de Oliveira em seu ensaio *O Ornitorrinco*.⁹

⁷ Esta noção de híbrido aproxima- se daquela posta por Nestor Garcia Canclini, considera o processo de encontro e mistura marcados pela fricção, pelo atrito, ou seja, incorporando a dimensão de conflito inerente ao encontro de diferenças.

⁸ Em referência à esquerda tradicional aqui definida como central.

⁹ Oliveira, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista/ O Ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003

Para o autor, o ornitorrinco seria a metáfora do Brasil, visto como híbrido inconcluso, esdrúxulo e o improvável realizado. Nesta metáfora, a singularidade brasileira ancora-se num sistema econômico formado por setores avançados e padrões compatíveis com nações capitalistas bem sucedidas, inclusive quanto ao patamar de democracia; sem no entanto ter produzido os mesmos resultados de bem estar e ainda vivenciar fragilidades no que se refere à dívida interna e aos processo de inovação tecnológica, por exemplo.

Sua análise, amparada na ótica evolucionista visibilizada por Darwin¹⁰, desvela, nas palavras de Roberto Schwarz na contracapa do livro, “o monstro social em que, até segunda ordem, nos transformamos”.

Este ensaio, reflexão apaixonada sobre o Brasil, seus paradoxos e desafios, afirma determinada matriz de pensamento que, ao mesmo tempo em que desnuda incongruências, não oferece saídas. Permitam-me uma longa transcrição:

O ornitorrinco é isso: não há possibilidade de permanecer como subdesenvolvido e aproveitar as brechas que a Segunda Revolução Industrial propiciava; não há possibilidade de avançar, no sentido da acumulação digital-molecular: as bases internas da acumulação são insuficientes, estão aquém das necessidades para uma ruptura desse porte. Restam apenas as “acumulações primitivas”, tais como as privatizações propiciaram: mas agora com o domínio do capital financeiro, elas são apenas transferências de patrimônio, não são, propriamente falando, “acumulação”. O ornitorrinco está condenado a submeter tudo à voragem da financeirização, uma espécie de “buraco negro”: agora será a previdência social, mas isso o privará exatamente de redistribuir a renda e criar um novo mercado que sentaria as bases para a acumulação digital-molecular. O ornitorrinco capitalista é uma acumulação truncada e uma sociedade desigualitária sem remissão. Vivam

¹⁰ Como nos lembra Mohamed El Hajji, este evolucionismo foi tomado emprestado de Herbert Spencer e é compatível com as idéias de Gobineu, em especial sua teoria de “desigualdade das raças humanas” divulgadas em 1853.

*Marx e Darwin: a periferia capitalista finalmente os uniu. Marx, que esperava tanto a aprovação de Darwin, que não teve tempo para ler O capital. Não foi aqui, nas Galápagos, que Darwin teve o seu “estalo de Vieira”?*¹¹

E será que foi mesmo este, o primeiro encontro dos dois pensadores brancos europeus para a produção de modelos explicativos do que se passa com o resto do mundo?

6- O mundo animal ou o que?

Em primeiro lugar eu preciso dizer que, desde os meus tempos escolares, sempre fui uma apaixonada pela figura do ornitorrinco presente em meu livro de ciências, bem como de sua companheira de habitat, a eqüidina (que me criava, e cria, inúmeras dificuldades na pronúncia do nome).

É do lugar desta paixão que prossigo nesta análise, a partir do pensamento do professor Francisco de Oliveira, sem, no entanto, pretender me equiparar à sua estatura intelectual.

Começo pela metáfora, ou seja, pela escolha da figura do ornitorrinco como representação do que é esdrúxulo e incompleto, ou uma conclusão inadequada de um processo evolutivo.

Não irei discorrer aqui sob os aspectos questionáveis do pensamento darwinista e sua teoria evolutiva – tanto o pensamento científico racional quanto o pensamento religioso ocidentais já se encarregaram disto, já que nem sempre de forma bem sucedida.

O que interessa aqui é tentar desnudar alguns aspectos envolvidos neste processo de metaforização, de modo a contribuir para elucidar a visão anti-

¹¹ Oliveira, Francisco, op. cit., p. 150

racista e uma possibilidade de se pensar alternativas para o desenvolvimento.

Deste lugar, considero crucial o questionamento da visão que coloca o ornitorrinco em condição de inferioridade – ou de excentricidade – em relação a um padrão de adequação pouco explícito mas poderoso. Esta visão traz embutida um modelo de certo, de belo, do perfeito. Em muitos momentos, principalmente em obras de arte, o pensamento ocidental elegeu um animal que representasse esta perfeição: o cisne. Ou, ao menos, ele tem sido celebrado na cultura europeia como modelo de beleza, de delicadeza, de elegância.

A escolha do ornitorrinco no contexto já assinalado traz à baila uma outra metáfora. Uma fábula infantil da literatura ocidental que narra a história do patinho feio: o inadequado e esdrúxulo por erro de visão. Ou visão distorcida. Ou preconceituosa.

O patinho feio é aquele deslocado de seu habitat, de seu conjunto de significações – e, portanto, o que não se encaixa no modelo dominante. Lembra o Caliban shakespeariano, na sua condenação à inferioridade atávica segundo Próspero.

Há aqui fortes relações de poder e dominação. Relações de dominação que, transpostas para o contexto político que aqui tratamos, falam de um eurocentrismo gritante: o patinho feio era, na verdade, um cisne! O discurso de Próspero como enunciador único e válido do ideal de beleza e adequação; referência discursiva que produz, para seu próprio deleite, para sua autoafirmação identitária, o estranhamento frente ao ornitorrinco. É explicitamente o eurocentrismo ordenando a leitura do mundo.

Em sua obra contundente, Edward Said, entre outros, deixou explícito o poder do pensamento ocidental-europeu em ordenar e classificar o resto do

mundo, suas histórias e circunstâncias, a partir de uma posição de superioridade. O eurocentrismo, reafirmamos, é um ordenamento do mundo. Através dele a Europa, em sua branquitude, seu amparo na racionalidade, cientificização dos processos da natureza, no individualismo e numa tradição definida a partir de uma civilização greco-romana (entre outros aspectos, xenófoba, belicista e machista), encontra as prerrogativas que sustentam sua ação constante na subjugação do resto da humanidade.

É a partir desta perspectiva que surge a inadequação do ornitorrinco e sua incapacidade de ajustar-se às matrizes alienígenas (as eurocêntricas).

O ornitorrinco é um animal atual, pleno de significação e cujo sentido diz respeito a seu habitat natural, imbuído de todo seu sistema de significações. Portador de todos os requisitos necessários e adequados à sobrevivência e persistência – como prova sua presença neste século XXI – está sob ameaça, como grande parte dos seres vivos, devido ao espalhamento do padrão de exploração e produção capitalista ocidental que requisita cada vez mais a destruição das paisagens naturais em troca do lucro e da movimentação do sistema econômico-financeiro.

O ornitorrinco representa uma possibilidade de contestação a visão ocidental como paradigma, da estrutura monoteísmo de pensamento que exige o desaparecimento de toda e qualquer alteridade; do etnocentrismo racista que revigorado pelas ferramentas econômicas ameaça povos e gentes.

7- Qual o modelo?

O Brasil não se encaixa no modelo erigido pelo pensamento europeu. Galápagos não é a pré-história do mundo. E Darwin e Marx juntos não serão suficientes para encerrar esta discussão.

O Brasil, apesar de ser visibilizado e teorizado fundamentalmente a partir das matrizes ocidentais européias brancas de pensamento, é depositário também das tradições ameríndias e africanas. Estas, vêm a fundamentar outras matrizes de pensamento que se colocam em diálogo na produção de realidades e sistemas de significações – ainda que em subordinação, na vigência do racismo ou da aparente impossibilidade de existência sem o atrelamento aos discursos eurocêntricos. Admito não ter condições aqui de discorrer sobre as matrizes ameríndias em vigor no cenário que habitamos neste princípio de século XXI, mas recuso adesão à esquemas minorizantes e tentativas de redução destes múltiplos sistemas cognitivos- culturais à patamares de primitivismo. Mas, felizmente, os povos indígenas contemporâneos estão aí, capazes de elaborar e emitir seus próprios discursos e interpretações do mundo e seus fenômenos, em diálogo e crítica a todos os outros.

Aqui, busco as referências africanas e afrobrasileiras – e nelas, elementos que possam contribuir para a reflexão ao redor do tema aqui proposto: desenvolvimento e dignidade humana.

Começo por uma perspectiva que é básica: não é possível falar em matriz africana ou afrobrasileira no singular. Por traz da classificação de lingüistas europeus de povos bantos e iorubas, sabemos que se tratava de centenas de povos diferentes à época da penetração violenta de europeus no continente africano. Diferentes línguas, diferentes sistemas de crenças, diferentes formas de ordenar o mundo nos propiciaram uma forma que talvez seja chamada de pluralista de ver o mundo. A partir daí não é possível definir um centro, um modelo, um pensamento único.

No sistema de crenças elaborado no Brasil, as religiões afrobrasileiras propõem diferentes formas de contato e de afirmação com o sagrado (a que a racionalidade ocidental moderna não foi capaz de banir). E mais, um sistema de crenças onde a pluralidade se espalha vertical e horizontalmente

e atinge inclusive aos deuses: uma profusão de orixás ajudam a afirmar as diferenças que constituem e movimentam a existência.

Os orixás, na sua ostensiva diversidade, nos freqüentam e contribuem para o ordenamento do mundo neste século XXI. São elementos transformadores e símbolos da interconexão dos diferentes mundos coexistentes e justapostos.

Eles fazem do conjunto cognitivo que mantém o vigor de conceitos como axé e muntu.

Estes, afirmam um princípio da existência como jogo de forças. Muntu é a força que se organiza na forma humana dotada de inteligência e bantu é o seu plural.

Axé é a força de realização, o movimento que faz a existência acontecer em toda a sua dinâmica. A partir destas perspectivas, da plenitude das forças em interação, toda hierarquia será momentânea, toda subordinação, instável. Uma vez que a movimentação da existência significa jogo, significa disputa e troca entre as forças. A matemática resultante daí privilegia o ímpar, porque significa movimento e, portanto, a possibilidade de emergência do novo.

O que isto tem a ver com a questão do desenvolvimento e da dignidade? É que estas perspectivas ajudam a dar consistência à afirmação da adequação do ornitorrinco e sua pertinência num contexto de pluralidade. Permite visibilizar a irreduzibilidade de Caliban aos meros desígnios de Próspero. A afirmação de que estes elementos coexistem neste mundo conflituoso do século XXI é recusar o ocidentalismo/eurocentrismo/ etnocentrismo/racismo como patamar único de análise a partir do que se erige o conceito de desenvolvimento.

E mais, permite trazer para o diálogo a perspectiva de dignidade a ser incorporada ao debate sobre modelos de desenvolvimento que denuncia no próprio conceitos seu poder de aniquilamento de toda e qualquer dignidade que não aquela que diz respeito a sujeitos homens, brancos, ocidentais, heterossexuais, racionais etc.

É assim que entendo poder debater alternativas de desenvolvimento segundo um conjunto de pensamentos já expressos pelo movimento anti-racista no Brasil.

Durante o Fórum Social Brasileiro (Belo Horizonte, 7 e 8/11/2003) tive a oportunidade de colocar na mesa de reflexões sobre novos modelos de desenvolvimento um exemplo antigo oriundo da luta de negras e negros para a construção de possibilidades de vida digna frente a um modelo de sociedade com hipertrofia da dimensão eurocêntrica econômica e a redução radical de humanos à super-exploração produtiva. Naquela ocasião o exemplo dos quilombos, como uma das possibilidades engendradas pelas lutas de liberdade e dignidade, produziu patamares de convivência de diferentes grupos humanos, diferentes sistemas cognitivos e de formas de relação com o sagrado. Mulheres e homens de diferentes idades, negros, indígenas e brancos, a partir dos sistemas erigidos pelas diferentes culturas africanas aqui instaladas, forma capazes de construir sociedades de auto-defesa contra ataques do Império, ao mesmo tempo que de bem-estar e convivência.

Esta iniciativa de análise do quilombo visava fornecer elementos para o pensamento político contemporâneo, a partir da a proposição de um deslocamento que não é o do olhar – o mais comum – mas sim um deslocamento dos corpos, das matrizes, dos sujeitos, das histórias.

Acreditava – e acredito – que é deste deslocamento radical que se produzirá as condições de possibilidade essenciais à renovação do pensamento e das formas de elaboração do futuro.

É o deslocamento do indivíduo, do sujeito, do individualismo como ideologia, do ocidente como única matriz, e da branquitude como critério, que se colocam na base da acumulação que será possível pensar conjuntamente alternativas de convivência e compartilhamento de riquezas passíveis de ser apropriada por todos os diferentes – e não apenas pelos brancos.

Este deslocamento deve significar necessariamente o desvelamento de outras falas e outras matrizes que, em interação poderão abrir espaço novos discursos – que só serão novos se novos emissores se apresentarem nos novos contextos e novos cenários.

É preciso acrescentar que, de algum modo, algum tipo de deslocamento já está em curso – e a inclusão da perspectiva que eu represento nos debates sobre o desenvolvimento é um retrato (e não é o único) disto.

Cabe interrogar, no entanto, qual o limite deste movimento. Até onde se pode ir? Como romper a cerca ou o nicho do viés dos direitos humanos para poder desfrutar do conjunto, das diferentes perspectivas; dos diferentes temas?

Da mesma forma que será preciso desnudar outras armadilhas, outros encarceramentos do pensamento ainda em voga, inclusive para se poder dar maior complexidade aos significados embutidos nas idéias mesmo que bem intencionadas de desenvolvimento.

Tratar do tema do desenvolvimento e/ou da dignidade humana desde a perspectiva anti- racista implica, como passo essencial, a desmontagem de

todo um sistema de pensamento que, ao longo de séculos tem oferecido as condições para espalhamento e manutenção de diferentes esquemas de inferiorização de negras e negros em qualquer parte do mundo. De uma visão d de mundo que possibilita a competição desenfreada como substrato à desejos de acumulação. E a redução das relações humanas à possibilidade unidimensional atrelada a paradigmas da economia.

Nos diferentes sistemas culturais presentes na nossa afrobrasilidade é importante destacar que o jogo que dá sustentação e dinamiza é um sistema de trocas que, como assinalou o professor Muniz Sodré em seu livro *A Verdade Seduzida*, não deixa resto. A equivalência é pressuposto da existência. A dignidade está no reconhecimento da presença e pertinência das forças em disputa.

Assim, o modelos de interação poderá ser definido, então, como movimento agônico, pulsante, de forças que se encontram num patamar de responsabilidade individual e coletiva. Fazer crescer esta força, para além de acumulações individualistas é obrigação do ser que existe.

Qualquer sistema econômico, qualquer modelo de desenvolvimento que venha a ser adotado deverá ser mais uma peça dentro das possibilidades deste jogo.

8- Referências Bibliográficas:

EL HAJJI, Mohamed. *O Discurso da Exclusão: globalização e ocidentalização do mundo*. Rio de Janeiro, ECO/UFRJ, 2003. Mimeo.

GELB, Stephen. *Inequality in South Africa: Nature, causes and responses*. South Africa, Johannesburg, The Edge Institute, 2003

OLIVEIRA, Francisco de. *Crítica à Razão Dualista/ O Ornitorrinco*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2003

SODRÉ, Muniz. *A Verdade Seduzida*.